

CATOLICISMO E SENTIMENTO DE POLONIDADE

Murielle Silveira Boeira Benthien *

Em sua maioria vinculada à produção acadêmica, a historiografia catarinense está constituindo-se cada vez mais pela variedade de foco em temas de pesquisas. Neste sentido, percebe-se uma favorável tendência à inovação e curiosidade por tópicos outrora não muito abordados.

Uma contribuição que serve para compor este quadro dos novos enfoques, seria a metodologia da História Oral. Afinal, gerações passadas tão acessíveis a uma História “vista de cima”, permitem-se compreender *que* e *como* também fazem parte da interação sócio-cultural partilhadas em sua comunidade.¹

Isto constitui-se por grande mérito da investigação histórica, proporcionando a compreensão e discussão dessa rica alteridade. Quando se tratam de estudos sobre imigração européia por exemplo, podem evidenciar o quanto algumas colônias do nosso atual Estado não caracterizaram-se por homogeneidade cultural.²

No entanto, mesmo em regiões heterogêneas, muitos grupos étnicos vindos em menor número ou situados em dispersão, foram tão somente citados por alguns autores. Quiçá então, encontraríamos abordagens mais detalhadas sobre sua relação com outros imigrantes, bem como indígenas e afrodescendentes.³

O contato interétnico de diversos grupos, fortaleceu a manutenção da identidade dos mesmos.⁴ Isto porque ao imigrar, houve esforços individuais ou coletivos para manutenção de suas culturas. No entanto, ao mesmo tempo, suas manifestações ditas “tradicionais”, não permaneceram inalteradas, tendo em vista o novo ambiente.⁵

Com base na afirmação e o propósito de sugerir novas pesquisas relacionadas à temática imigratória, este artigo expõe os resultados de uma análise baseada principalmente em dados paroquiais. ** Trata-se da presença polonesa na Colônia São Bento, fundada em 1873. Acontecimentos posteriores, como a escolha de párocos cada vez menos estrangeiros, implicariam num estudo ainda mais detalhado. *** Por isso, como marco cronológico de finalização da pesquisa, de modo que não a tornasse tão ampla, foi estabelecida a década de 1920.

A opção pelo enfoque de sua religiosidade favoreceu o estudo que tinha a princípio, uma pequena bibliografia de apoio. Há de se inferir numa relação causa/efeito, que o principal motivo para ínfima produção textual, são justo as escassas pesquisas realizadas no Estado, sobre o grupo em questão. Maria Terezinha Sobierajski Barreto, já havia observado que isto de certa forma intimida os atuantes da profissão, pois não têm subsídios suficientes que permitam novas abordagens.⁶

De fato, se compararmos com o Estado do Paraná ou Rio Grande do Sul, os resultados em termos de estudos polacos são desfavoráveis. Ruy Christovam Wachowicz paranaense assíduo da temática cultural polonesa em sua região, chegou a redigir um artigo *Rio Vermelho* (São Bento do Sul/SC), mas infelizmente sem notícias de que tenha sido publicado.⁵ Em sua obra *O camponês Polonês no Brasil*, chega a mencionar algumas áreas de ocupação do norte catarinense. No que diz respeito ao estudo de “linhas” do antigo núcleo colonial *São Bento*, é citada por ele a localidade de *Rio Natal*, que faz parte hoje do atual município de São Bento do Sul/SC.⁷ Além disso, é comentada brevemente a religiosidade nos “povoamentos” de *Lucena* e *Alto Paraguaçu*, hoje município de Itaiópolis/SC.⁸

Uma das publicações mais conhecidas à qual Ruy Christovam Wachowicz esteve vinculado foi *Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa*.⁹ Além de suas próprias produções, esta série de publicações paranaense contém traduções de muitas cartas de imigrantes e textos elaborados por outros autores que também já pesquisaram sobre o assunto.

Entre as traduções, encontra-se o artigo de Antônio Hempel, um viajante que veio para o Brasil para conhecer as colônias polonesas, relatando sobre o que encontra em Santa Catarina. Na sua pequena descrição intitulada *Os Poloneses nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul*, o autor comenta sobre inúmeras regiões pelas quais passou.¹⁰

A pesquisa em fontes, evidenciou a quantidade de poloneses advindos de regiões fragmentadas e que tinham viajado para a colônia São Bento em grupos dispersos.¹¹ Na saída da Europa, a integração dos pequenos grupos eslavos pode ter sido desmotivada pela existência dos grandes escritórios e agências propagandistas “genuinamente alemãs”. À exemplo, destaca-se a “Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo”, que uma das que mais prosperou com a atividade de recrutar pessoas que se dispusessem a emigrar.¹²

Divulgava-se as vantagens de se promover a saída em massa da Europa. Para uma época em que alguns terrenos não eram suficientes à sobrevivência e sustento da família, não nos demora muito compreender o quanto o intento da divulgação fez efeito.¹³

Particularmente, a Polônia na época da emigração, viveu a partilha de seu território e a subordinação política, à Prússia, Rússia e Áustria. Tal época é abordada por Ruy Christovam Wachowicz, como a “febre da imigração”, tamanho foi o deslocamento de seu povo que fugia não só da miséria, mas também da perseguição sofrida.¹⁴ Por isso, entanto, as diversas minorias de poloneses, não tinham opção de um líder que organizasse seu estabelecimento num país advena. Com seus poucos pertences pessoais, quadros de Chestocowa e livrinhos de catecismo, partiram junto à grande massa, tão plural em suas manifestações religiosas e culturais.**** No fundo, todos buscavam em comum a vida melhor na sua nova terra, o novo continente.¹⁵

Na Colônia Dona Francisca (atual município de Joinville), que inicialmente tinha recebido alemães protestantes, já crescia gradativamente a heterogeneidade religiosa, através do desembarque de novas levas de imigrantes. No entanto, estes tiveram como destino a Colônia São Bento, espécie de “desdobramento” da primeira, já que não havia mais espaço para acomodar a todos que cada vez mais vinham desembarcando.¹⁶

Portanto, São Bento divergiu em termos de religiosidade. Das procedências dos imigrantes estabelecidos em 1873, eram de distintas localidades européias: prussianos, poloneses, bávaros, boêmios e austríacos.¹⁷ De 1873 a 1878, têm-se na região serrana: 46% de boêmios, 36% de boêmios do norte, 13% de poloneses da Galícia e 1,5% de pomerânios.¹⁸ Tratava-se assim, de uma maioria católica.

Apesar da diversidade de todos estes grupos, desconhece-se um estudo mais detalhado quanto à etnias em menor número. Quanto aos brasileiros, parte da população era formada por ocupantes com terras cedidas através de documentos do estado paranaense que lhes sustentava o argumento de posse. Depois de disputas com ganho de causa à Santa Catarina, alguns obtiveram da administração da colônia títulos que lhes dessem garantia de permanência definitiva nos terrenos. Isto foi obtido através de negociação.¹⁹

Atualmente existem regiões, em que o polonês ainda é muito mais falado que o próprio português entre os descendentes.²⁰ Existem entre eles também grupos musicais,

folclóricos e associações que zelam pela sua valorização, realizando missas e festas tradicionais.²¹

Mas esta herança que hoje a muitos descendentes constitui o orgulho de sua descendência, fruto da tão defendida imigração desde o século XIX, a partir de 1910 já foi vista como um problema para o governo. Os grupos estrangeiros passaram a firmar uma certa autonomia de suas práticas que certamente incomodavam por divergirem de um Estado homogêneo.²² Eram identidades coletivas, arraigadas em critérios de pertencimento étnico/nacional.²³

Ora, numa situação de descaso e abandono perante as autoridades, nada restava a estes povos humildes, religiosos e tão distantes de sua terra natal, do que virarem-se por conta própria.²⁴ Construíram comunitariamente suas escolas, com sustentação econômica local, o que proporcionara-lhes a continuidade de ensino na língua materna.²⁵

A situação dos moradores da colônia São Bento, que reivindicavam padres poloneses para entendimento das missas, bem como a construção de templos para os protestantes, exemplifica o quão dificultoso era o cotidiano da população local.²⁶ Sob o olhar de Antonio Hempel que descreve Rio Vermelho, espécie de centro de onde partiam “linhas” polonesas, pode-se perceber a aflição dos recém-chegados:

Rio Vermelho (Bechelbronn) é o verdadeiro centro. Dista 20 Km de São Bento. Localiza-se em magnífica baixada, entre serras altas e montanhosas. Possui igreja (sem sacerdote), escola, negócios, moinhos, etc. Fomos ao negócio do Sr. Wielewski. Lá estavam alguns colonos, da Prússia Ocidental. Alegraram-se quando perceberam que “falamos tão fluentemente o polonês”. Estão bem, afirmam. Ressentem-se da falta de sacerdote polonês. Insistem para que escreva ao cardeal de Cracóvia, pedindo um “bom” sacerdote. Apontam para a Igreja, onde não se realizam ofícios religiosos. São obrigados a freqüentar São Bento. Lá o sacerdote é alemão e eles não o entendem. O padre é bem intencionado para com os poloneses.²⁷

Visitas episcopais eram feitas para analisar a situação local e tentar providenciar responsáveis pela assistência paroquial.

O movimento religioso não foi grande, por falta de um sacerdote que falasse a língua polaca. O povo é muito religioso e conserva as tradições de seu país natal. Prometemos-lhe um sacerdote de sua nacionalidade, logo no-lo (sic.) fosse possível.²⁸

Era muito comum a falta de padres e também as dificuldades financeiras para mantê-los.²⁹ Os missionários, deslocados da Europa para atender imigrantes no Brasil, eram

muito freqüentes entre a população, como os alemães do Sagrado Coração de Jesus.³⁰ Poloneses, eram em sua maioria trazidos de Curitiba, de onde já estavam previamente estabelecidos.³¹

Depois que a Diocese de Florianópolis desmembrou-se da Curitiba, tornaram-se submetidos hierarquicamente à Joinville como representantes catarinenses do planalto norte. Ainda que devessem à esta a satisfação de suas responsabilidades, a visita de padres vindos de Curitiba continuou.³²

No entanto, por mais que se esforçassem, padres brasileiros ou alemães não compartilhariam com eles o que viviam ou pensavam. A religião fazia parte de sua polonidade, de sua identidade. “A exigência dos colonos, de um padre polonês, e o fato de não desejarem aceitar um brasileiro, significava que a paróquia para eles não tinha apenas uma função exclusivamente religiosa, e sim sobretudo, a de um centro de comunidade”.³³

Tarefa difícil e prolongada era suprir esta vontade. Em fins do império, porque não conseguiam convencer tantos padres a largarem da Europa para vir ao Brasil, e em início da República, porque não era interesse do governo brasileiro que perpetuassem a comunicação em língua materna.

O governo passara a fazer forte oposição quanto às manifestações autônomas de grupos plurais em seus idiomas, gostos, sentimentos e religiosidade.³⁴ Como exemplo, a forte “campanha” dada principalmente contra a germanização do nosso Estado, foi muito visada porque os alemães tinham uma grande organização, com a circulação e divulgação de inúmeros jornais.³⁵

Escrevendo cartas muitas publicadas como anônimas, defendiam-se como podiam. Curiosamente, o jornal *O Catharinense*, da Colônia São Bento, referindo-se à “Campanha contra germanização do nosso Estado”, apresenta a seguinte manifestação:

As Colônias francesa e inglesa no Rio de Janeiro, a colônia italiana em S. Paulo, a colônia polaca no Paraná também possuem as suas escolas em que se ensinam exclusivamente a língua respectiva. No Paraná mesmo, como se poderá inferir dos anúncios estampados em seus jornais, as mais importantes casas comerciais existentes em Curitiba são alemãs ou de outras nacionalidades.³⁶

Podemos concluir portanto, que os alemães e descendentes estavam cientes da diversidade cultural brasileira. Embora há sua inegável contribuição em São Bento, não se pode deixar de levar em consideração as relevantes e citadas “minorias”, nem sempre

abordadas. A pequena análise dedicada à Colônia supracitada, teve por seu principal objetivo, proporcionar a reflexão de que foi na relação junto à sociedade brasileira, com grande esforço e trabalho, reivindicações e muitas dificuldades, que os imigrantes poloneses viveram a reconstrução de suas vidas. A continuidade de sua religiosidade, constituiu sua principal preocupação.

De maneira mais ampla, a população catarinense é constituída por múltiplas descendências. As lacunas uma vez percebidas podem nos favorecer excelentes estudos futuros.

* Mestranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina, e professora efetiva da rede municipal de São Bento do Sul/SC.

¹ Como sugestão de leitura para compreender as discussões que permeiam a historiografia catarinense nas últimas décadas, Cristina Sheibe Wolff propõe uma boa introdução. WOLFF, Cristina Sheibe. *Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate*. In: **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: UFSC, 1994.

² SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 12.

³ De acordo com Zuleika Alvim, muito ainda ode ser estudado sobre a relações intergrupais. In: ALVIM, Zuleika. *Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo*. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Pulo: Companhia das Letras, 1998. p. 268.

⁴ Roberto C. De Oliveira, afirma que o contato interétnico são “as relações entre indivíduos e grupos de diferentes procedências “nacionais”, “raciais” ou “culturais”. OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade Étnica, Identificação e Manipulação*. In: _____. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, s/d. p.1

⁵ CONZEN, Katheleen Nehls; GERBER, David A.; MORAWSKA, Eva; et al. Forum – The Ivention of Ethnicity: A Perspective from the U.S.A. In: **Journal of American History, Fall 1992**. p. 4. Tradução de Eunice Sueli Nodari. p. 1.

** Foram consultados para pesquisa: Livros de Batismos, Livros de Casamentos, Livro de Óbitos e Livros Tombo da Paróquia de Rio Vermelho Povoado e da Igreja Matriz do atual município.

*** Os padres que ministravam os sacramentos e rezavam missa até então, eram missionários, geralmente alemães ou poloneses.

⁶ BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski. **A Presença Polonesa em Santa Catarina**. Artigo não publicado. p. 2.

⁵ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Rio Vermelho**. Artigo não Publicado. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Bento do Sul. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Bento do Sul.

⁷ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 110.

⁸ Ibid., p. 11, 113.

⁹ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. Curitiba: Imprimax, 1970.

¹⁰ Dentre elas estão Joinville/SC, São Bento do Sul/SC, Itajaí/SC, Blumenau/SC, Orleans/SC, Criciúma/SC e Tubarão/SC. HEMPEL, Antônio. *Os Poloneses no Brasil*. Lwów, 1893. In: **Anais da sociedade Brasileiro-Polonesa**. Tradução: Francisco Dramka. VIII v. Curitiba: 1973., p.74-81.

¹¹ Entre as nomeações estão russos, galicianos, austríacos e prussianos. PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro de Óbitos**. São Bento do Sul: 1897-1920. p. 3, 4, 5.

¹² Segundo João Klug, é porque ela tinha uma das melhores condições para o empreendimento colonizador no Brasil. KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro – Florianópolis**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. p. 39.

¹³ Segundo Ruy C. Wachowicz, poloneses sob a ocupação do governo prussiano, até tiveram a oportunidade de reforma agrária. Mas as propriedades distribuídas eram pequenos lotes que não permitiam a possibilidade de manter uma família numerosa, como eram geralmente as famílias camponesas. WACHOWICZ, Ruy Christovam. Situação no domínio Prussiano. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. V. II. Curitiba: Superintendência do centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, 1970. p. 14.

¹⁴ WACHOWICZ, Ruy Christovam. A “Febre Brasileira” na Imigração Polonesa. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. I v. Curitiba:1970.

**** *Chestocowa* é Santa Padroeira da Polônia.

¹⁵ ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 223

¹⁶ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 218

¹⁷ FICKER, Carlos. **São Bento do Sul: subsídios para sua história**. Joinville: Imp. Ipiranga, 1973. p. 55

¹⁸ BLAU, Josef. **Bayern in Brasilien**. Muenchen, 1958. apud: VASCONCELLOS, Osny; PFEIFFER, Alexandre. São Bento- Cousas do Nosso tempo. São Bento do Sul: ed. Dos Autores, 1991. p.19.

¹⁹ FICKER, Carlos. **São Bento do Sul: subsídios para sua história**. Joinville: Imp. Ipiranga, 1973. p.174.

²⁰ É o caso da atual localidade de *Bateias*, Distrito de Campo Alegre/SC, e *Rio Vermelho Povoador*, bairro de São Bento do Sul/SC.

²¹ Em Florianópolis/SC há a *Sociedade Polônia*; em Criciúma/SC, a *Sociedade Polonesa Águia Branca*; em Brusque/SC, a *Sociedade Imigração Polonesa no Brasil*; em São Bento do Sul/SC, a *Polska Orkiestra z Brasy lil/SC*. Algumas destas associações, organizam grupos folclóricos e festas anuais; as comemorações iniciam-se sempre com uma missa. SCHWINZER, Roberta; CUNHA, Lolita. Poloneses em Santa Catarina. In: **Revista Mares do Sul**. N. 36. Florianópolis: Mares do Sul, abril/maio 2001. p. 53.

²² CAMPOS, Cynthia Machado. Identidades e diversidades no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas. In: **Fronteiras: revista Catarinense de história**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998. p. 47.

²³ SEYFERTH, Giralda. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão migratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite. (Org.). **Região e Nação na América Latina**. Brasília: UNB, p. 81.

²⁴ Ruy C. Wachowicz, chama a atenção para o quanto as autoridades brasileiras estavam despreparadas quando iniciaram o recrutamento de imigrantes, porque contavam com números bem menores do que os altos índices registrados na efetivação do estabelecimento dos mesmos. WACHOWICZ, Ruy Christovam. A “Febre Brasileira” na imigração polonesa. In: **Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa**. V. I. Curitiba: Superintendência do centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, 1970..p. 42.

²⁵ PIAZZA, Walter F. Resultados do Processo Colonizador em Santa Catarina. In: **Cadernos da Cultura Catarinense- Imigração e Colonização, o Patrimônio Cultural do Imigrante**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1984. p. 5.

²⁶ DIREÇÃO DA COLONIA DONA FRANCISCA. Ofícios e Relatórios – 1872-1876. In: **REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS**. v. 4, 1961. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 1954-2001. p.164 -165.

²⁷ HEMPEL, Antônio. Os Poloneses nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Lwów, 1893. In: **Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa**. Tradução: Francisco Dramka. VIII v. Curitiba: Superintendência do centenário da Imigração Polonesa ao Paraná . 1973., p. 76.

²⁸ PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro Tombo**. São Bento do Sul, 1904-1909.. p. 4-5.

²⁹ Idem. p. 5.

³⁰ DIRKSEN, Valberto. **Presença e Missão Dehoniana no sul do Brasil (1903-1913)**. Florianópolis: Lagoa, 2004. p. 200.

³¹ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista concedida a Murielle S. B. Benthien**. Rio Vermelho - São Bento do Sul, 02 de fevereiro de 2005. p. 2, 20.

³² PFEIFFER, Alexandre. **História da Igreja Católica de São Bento**. São Bento do Sul: SL Ltda.,1999. p. 9.

³³ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 45.

³⁴ De modo geral, alemães, italianos, poloneses, sírios, libaneses, armênios, judeus, portugueses, etc., localizados dentro do sistema colonial, criaram instituições comunitárias recreativas, culturais, assistenciais, de ajuda mútua, escolares e outras voltadas para os membros das respectivas “colônias” e operando com critérios étnicos bem definidos. A elaboração das etnicidades obedeceu códigos culturais relacionados à

origem nacional – sistemas simbólicos assinalando pertencimentos primordiais e incluindo a experiência comum da imigração. SEYFERTH, Giralda. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite.(Org.). **Região e Nação na América Latina**. Brasília: UNB. p. 95.

³⁵ A imprensa teuto-brasileira de um modo geral era acusada de defender “um Estado dentro do Estado”. SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 70.

³⁶ “D’o Município”. In: **O CATHARINENSE**, Seção Diversos. n. 141. São Bento do Sul: 8 de fevereiro de 1914. p. 1. Colunas 2 e 3.